

Nilismo, negação e negacionismo: algumas considerações a partir dessas noções na cultura atual

Por Luiz José Veríssimo¹

Resumo

Nosso artigo procura tecer uma articulação das noções de niilismo negação e negacionismo com algumas considerações sobre o mal-estar na cultura atual, o quadro pandêmico e o cenário sociopolítico brasileiro. O niilismo é trabalhado a partir da interpretação de Nietzsche e de Deleuze. Ao estudar o niilismo, ratificamos a sua implicação com um fundamento caro ao pensamento de Nietzsche, a noção de vontade de poder. Acrescentamos ao nosso estudo uma interlocução do niilismo apontado por Nietzsche com certas considerações de Sartre a respeito das relações humanas.

Palavras-chave: Nietzsche; niilismo; negacionismo

Nihilism, denial and denialism: some considerations based on these notions in current culture

Abstract

Our article seeks to weave an articulation of the notions of nihilism, negation and negationism with some considerations about the culture and its discontents in our days, the pandemic framework and the Brazilian's social and politic scenario. Nihilism is worked from the interpretation of Nietzsche and Deleuze. When studying nihilism, we ratify its implication with a foundation precious to Nietzsche's thought, the notion of Will to Power. We add to your study an interlocution of nihilism pointed out by Nietzsche with certain considerations by Sartre about de human relations.

Keywords: Nietzsche, nihilism, negationism

¹ Doutor em Filosofia, professor adjunto da UVA, Professor do curso de -Especialização em Psicologia Fenomenológico-Existencial na UNIPAR; do Curso de Especialização em Psicologia Clínica Existencialista Sartriana – NUCAFE. Membro da SEAF (Associação de Estudos e Atividades Filosóficas).

Niilismo e vontade de poder

Quando imaginamos o niilismo, vem de imediato à nossa mente a associação do niilismo com a atitude de *negação da vida*. Certa vez, indagamo-nos sobre o que é o niilismo. Na ocasião, perguntamo-nos: o niilismo é um comportamento? Um modo de ser? Uma doença? Uma anulação? Uma mutilação? Uma negação das potências da vida? Uma negação de si mesmo? Uma desesperança? Um desespero? Um ressentimento infundo? Um anelo à idolatria?

De fato, em toda a parte e sem dificuldade, observamos que uma bruma do niilismo parece varrer a Terra como uma negatividade que se volta em círculos contra o corpo, a natureza, a vida e o mundo, apostando, ora numa metafísica ascética, ora num antropocentrismo gnosiológico e moral, sem afinar-se com as forças que clamam pelo desenvolvimento de cada pulsão em seu vigor essencial (VERÍSSIMO, 2018, p. 102).

Na contramão do niilismo, a vontade de poder afirmativa é uma potência que vem da vida e lança o ser humano de cabeça para baixo. Ao invés dos valores superiores celestes, iluminados, ascéticos, purificados, avaliadores da natureza do bem e do mal, a vontade como vontade de poder sob a batuta do herói Zaratustra quer contemplar o ocaso do sol, a noite estrelada da psique, mergulha e aceita a dimensão do *pathos* (paixão) como *o sentido da terra*. “Amo aquele cujo espírito e coração são livres: assim, nele, a cabeça é apenas uma víscera do coração, mas o coração o arrasta para o ocaso” (NIETZSCHE, 1995, p. 33).

Examinemos mais de perto a vontade de poder. Para começar, é mister esclarecer que, nesse âmbito, vontade não deve ser confundida com arbítrio, ao menos em primeiro lugar. A vontade em Nietzsche não é alicerçada numa deliberação humana, a vontade a que se refere Nietzsche é uma *força*. Não se trata de uma virtude do *logos*, mas, de algo que está enraizado na *physis*. “A *physis*, cuja tradução mais conhecida, porém, algo imprecisa, indica “a natureza” é concebida genésicamente como brotamento, desenvolvimento, processo, devir [...] Em Aristóteles, um dos significados para a *physis* é geração, crescimento e desenvolvimento do que é gerado” (VERÍSSIMO, 2018, p. 105). Se a vontade da vontade de poder não deve estar amarrada à jurisdição do arbítrio, vale a conclusão de Gilles Deleuze: “O Poder [sic], como vontade de poder, não é o que a vontade quer, mas *aquilo que quer na vontade*” (DELEUZE, 2006, p. 24).

Outra notação importante. A vontade de poder não é vontade arbitrária de adquirir poder. Não se trata de, ao menos em primeiro lugar, poder de comando, de dominar, de subjugar, sujeitar, ainda que a vontade de poder assim possa se manifestar, e o faz com

frequência. Trata-se, sim, de reconhecer que “A vontade de poder, diz Nietzsche, não consiste em cobiçar, nem mesmo em tomar, mas de criar e produzir” (DELEUZE, 2006, p. 24). Na tradução portuguesa consta que a vontade de poder consiste em criar e dar (DELEUZE, 1990, p. 22). Dar o que? Entregar-se à vida. Dar-se no mundo. Enfim, estamos falando de poder como *poder-ser*.

Relação entre forças e a diferença

Uma descrição mais extensa de vontade de poder indica que a vontade de poder não só é uma força, como remete a um jogo de forças. A relação da força com a força chama-se “vontade”, esclarece Deleuze (2006, p. 24). As forças estão em permanente interação. Não há como examinar a expressão de uma vontade de poder sem considerar a relação que ela estabelece com as demais forças. Podemos afirmar que o mundo, para Nietzsche é concebido como um grande jogo de forças em que umas agem, são ativas, tomam a iniciativa, aceitam o confronto, outras, ao contrário, agem por procuração, ou seja, sua ação se reduz à reação em face da ação de uma outra força, por isso, são conhecidas como forças *reativas*.

A partir desse ponto, podemos trabalhar a noção de vontade de poder ligada à interação, ao confronto, à diferença, à alteridade. A postura afirmativa na vontade de poder lida com a diferença de um modo tal que *aceita* a presença da diferença no seu horizonte. Ela não apenas a constata a diferença como se põe ela própria como diferença. E o faz não por implicância, mas pela admissão do advento da diferença.

A diferença não pode ser assimilada, engolida, engolfada por mim. A diferença não é uma arbitrariedade minha, nem uma determinação do outro, e sim, pertence ao próprio jogo de forças que somos. Onde não deve causar surpresa que dois amigos estejam tanto na diferença quanto dois adversários. Na vontade afirmativa, trata-se de uma marcação e reconhecimento da diferença sem que, por princípio, se tenha a pretensão de anular o outro em sua diferença.

Por outro lado, a vontade de poder niilista reativa deseja expurgar a diferença. Assimilar toda a diferença numa mesma unidade. Lembramo-nos, agora, do título de um livro clássico do século passado: *O homem unidimensional* (MARCUSE, 1979), ou seja, o homem uniforme, *de* uniforme, todos iguais na mesma toada, berrando as mesmas coisas, fazendo, consumindo desejando as mesmas coisas, sem que se distinga ninguém. Nietzsche se refere a essa padronização massificada como o rebanho. A massa

desaprende a modéstia e infla as suas necessidades até elevá-las a valores *cósmicos* e *metafísicos*. Com isso, toda existência torna-se *vulgarizada*: a saber, enquanto a massa domina, tiraniza as exceções, de tal modo que estas perdem a crença em si mesmas e tornam-se niilistas” (NIETZSCHE, 2008, p. 38).

As forças reativas nos dias de hoje

Deleuze nos explica que

a vontade de poder faz com que as forças ativas *afirmem* e afirmem sua própria diferença: nelas a afirmação é primeira, a negação não é nunca mais do que uma consequência, como um acréscimo de gozo. Mas o peculiar das forças reativas, ao contrário, consiste em se oporem, antes do mais, àquilo que elas não são, em limitar o outro: para elas, a negação é primeira, porque é pela negação que elas chegam a uma aparência de afirmação (DELEUZE, 2006, p. 25).

Pegando carona na interpretação de Deleuze para olhar o cenário sociopolítico brasileiro atual, vemos uma atividade niilista cada vez mais voraz. Acabamos de ler que no niilismo reativo, a negação está em primeiro lugar. O niilismo reativo que testemunhamos em nosso momento histórico atual, passa a impressão de esmerar-se para negar toda uma cultura e desqualificá-la com avaliações do tipo: “comunista”, “de esquerdista”, “ideológica”, transgressora de valores, inútil, dispendiosa. Por esse projeto, que já é uma efetiva práxis, é preciso operar uma negação de extenso raio para botar outra cultura no lugar, uma cultura afirmativa de uma vida regulada por certos valores como pátria, determinada orientação religiosa, moral de costumes conservadora, retorno ao patriarcado, ênfase na segurança, etc.

No jogo de forças das potências em interação, as forças reativas tentam cunhar um dicionário próprio ao ressignificar termos caros à ordem econômica, política, social. Assim, *liberdade de expressão* é tomada como direito de opinião irrestrito, mesmo que ofensivo e até franca e abertamente ameaçador. Aliás, liberdade é apropriada como direito de dizer o que bem convier quando bem convier aos quatro ventos. Liberdade é confundida com liberação: das leis do trânsito, de armas, de cuidados sanitários, das preocupações trabalhistas, etc.

Direitos humanos passam a ser conduzidos por pautas conservadoras segundo cânones dogmáticos. A arte é posta à serviço de valores tomados como superiores, com claras simpatias etnocêntricas, quando não é abandonada às traças, ao fogo, ou simplesmente posta como objeto de liquidação de patrimônio. Após ataques à universidade, desidratação da educação, estamos assistindo o espetáculo da plácida elitização da educação, ao menos, sem meias palavras. No novo dicionário da gestão que se pretende reformista das instituições que não seguem a sua cartilha, a saúde, a educação,

a atenção ao trabalho e à previdência social, a arte não são mais bens, agora, definitivamente, são ônus.

Vimos que Deleuze leitor de Nietzsche, ressalta que as forças reativas se opõem, antes do mais, ao que *elas não são*. Desse modo, elas acreditam que instalam a sua diferença. Mas, é uma diferença cínica. Uma diferença não dialética, que abomina o contraditório, uma diferença que resulta autonegadora, resulta em autofagia. Pois, é uma diferença que deseja acabar com toda a diferença enquanto alteridade, e, nesse sentido, ela deixa de ser diferença para perder-se num horizonte de absoluta uniformidade e conformidade, conformismo e submissão, bajulação e assujeição.

As forças reativas no cenário sociopolítico atual rejeitam a diferença, mas, ainda a toleram numa medida ínfima, apenas porque precisam arrumar um inimigo para se justificar no poder instituído. Elas precisam arrolar ininterruptamente inimigos reais ou imaginários, descobrir forças opositoras que formam um espectro ideológico não enquadrado ao seu, precisam se alimentar da perseguição de ideias que possam contrariar ou ameaçar o *status* de poder que desejam gozar sob a capa de uma bandeira nacionalista de reparação da sociedade em prol dos valores apregoados como superiores.

No modo reativo, é preciso criar e instalar uma atmosfera de *paranoia*, um humor social desconfiado. Observa-se uma manipulação de notícias e informações para municiar um ambiente de belicosidade e desconfiança contra certas instituições tomadas como alvo: a universidade, as religiões não alinhadas ao padrão ideológico apregoadado, o campo jurídico independente, as agências reguladoras do ecossistema, os pacifistas, a arte emancipada, o jornalismo investigativo etc.

O desejo de limitar o outro por parte das forças reativas tem se mostrado como um movimento raivoso, uma oposição sistemática de forma a mostrar os dentes quase, senão o tempo todo. Manifesta-se feroz, ferina, seleciona as suas presas para humilhá-las, desautorizá-las, desidratá-las. Forma-se uma prática e uma metodologia apoiadas sobre um alto teor de agressividade dirigida às outras perspectivas, às demais potências em jogo, tentando anulá-las expulsá-las do jogo, ou mesmo, caso essa via se mostre ainda insuficiente, acabar com o jogo.

Essa sistemática engenharia para limitar e detonar o outro se faz em meio às estratégias para esclerosar a discussão e a circulação arterial das pautas emergentes da própria sociedade. tentando calar a sua voz. Tenta-se, desesperadamente, impor uma única voz, ser o próprio porta-voz de uma narrativa encapsulada em torno de si e de seus

exclusivos interesses, convencida ou tentando se convencer de estar protegida pela benção divina.

O ressentimento

A qual das figuras típicas de um niilismo podemos associar o niilismo atual? Ao homem que quer morrer? Ou ao homem que quer que os opositores morram? O homem indiferente à morte e à dor (dos outros)? Ao ressentimento?

O ressentimento tem a ver com essa ideia freudiana de o retorno do recaiado. o retorno daqueles que nunca se conformaram com a liberdade enquanto respeito à dignidade do outro e cuidado com o outro. As forças reativas deixaram sempre uma porta entreaberta, a fim de escapar da culpa, na primeira oportunidade. Usando um termo bem popular, o ressentimento tem a ver com o retorno daqueles que nunca foram.

No ressentimento estamos diante da acusação e recriminação projetivas, observa Deleuze (2006, p. 28). O ressentimento grita com perdigotos: “é por tua causa que fiquei fraco e infeliz!”. É por tua causa que fiquei amarrado às regras de uma democracia que não reconheço. A liberdade pertence a mim, a mim e aos meus (e as *minhas* instituições). O ressentimento mostra-se atualmente como uma potência ressentida por não conseguir impor-se definitivamente como a única via para toda lei e regulamentação. Que se quebrem os ovos, mas que façamos uma omelete ao meu gosto.

O ressentimento se faz notar, por exemplo, quando me deparo com um limite. Trata-se de um limite que se coloca diante de mim. Se é a Terra quem dá esse limite, eu a deixo abrasar, reduzo-a a cinzas, digo que ela é plana. Se o vírus dá o limite, eu o reduzo a uma gripezinha. Se é alguém que me refuta, procuro destruí-lo não mais com tanques de última geração ou drones, mas com degradação da sua *imagem*. Observação. Esse é um dos processos da tortura de hoje em dia: não apenas da tortura institucional (apoiada por certos grupos nas redes sociais), mas aparece, também como uma tortura recorrente aplicada nas relações sociais e às relações interpessoais.

Do ponto de vista psicológico, o ressentimento tem a ver também com sentimento de frustração, de impotência. A desqualificação de si, o desagravo de si, vira um desagravo ao outro, uma culpabilização do outro, e pode aparecer, em seguida, o desejo de sua penalização. “A reação se torna qualquer coisa de sentida, “ressentimento”, que se exerce contra tudo o que está ativo. A ação se faz “envergonhada”: a vida, ela mesma é acusada, separada de seu poder, separa do que pode” (DELEUZE, 2006, p. 28).

A vida aqui, entendemos como o fluir da vida, com os seus saberes e sabores, dissabores e delícias, primícias e dores de cabeça. Querer se impor a vida a partir da vida que se quer arbitrariamente levar é tatuagem do reativo. Querer impor seus valores como os valores, como os valores superiores, é o compasso do reativo. E quando esse projeto, essa potência se depara com outras vontades de poder que não adotam a mesma régua dos valores que se tenta impor, pode crescer o rubor da raiva, da exasperação. Testemunhamos como produto, a violência verbal e a retaliação cada vez mais acintosa e que não vê na diferença a positividade dialética do conflito, ou o seu reverso, a validação dialética do negativo como outro, inclusive como outro de si mesmo. O niilismo reativo não vê a diferença senão como guerra.

O ressentimento, o reativo descrevem as entranhas do niilismo. Assim definimos o niilismo:

Pois, o niilismo se espalha por toda parte como *negação da vida*. Todo movimento humano no sentido de negar a vida, de se recusar a se entregar à existência no sentido de refugar tanto o trágico quanto o êxtase inerentes à existência, alcança, a nosso ver, o niilismo em seu aspecto reativo (VERÍSSIMO, 2018, p. 102).

O triunfo do não (do reativo) sobre o sim (sobre a afirmação)

Ressalta Deleuze: “em toda parte vemos o triunfo do “não sobre o “sim, da reação sobre a ação (DELEUZE, 2006, p. 25). De fato, vemos um extenso, teimoso, persistente, sistemático, estratégico *não* às inúmeras formas de manifestação da vida: *não* à vida, à saúde, à ciência, à natureza, à cultura, à educação, ao trabalho humano, à mulher, à diversidade de gêneros, de religiões, de etnias, não ao zelo pela transparência e por uma ética na lida com a informação.

Como a vontade de poder, essa pujança da vida para a vida pôde se tornar reativa? Voltar-se contra o outro, ao invés de celebrar a sua resistência? Como pôde voltar-se contra si mesma?

Deleuze se espanta: “Ora, a história nos coloca em presença do mais estranho fenômeno: as forças reativas triunfam, a negação leva melhor na vontade de poder!” (DELEUZE, 2006, p. 25).

Na *Genealogia da moral* (1988), Nietzsche apresenta a sua versão para a relação que envolve papéis de o senhor e o escravo. Já Deleuze, muito sagazmente, evita mal-entendidos que possam ser usados de má-fé para justificar o niilismo. Evita contrassensos sobre os termos nietzschianos “forte” e “fraco”, “mestre” e “escravo”: “É evidente que o escravo não cessa de ser escravo em presença do poder, nem o fraco um fraco. As forças

reativas, ao prevalecerem, não deixam de ser reativas” (DELEUZE, 2006, p. 26). Desse modo, o escravo é escravo devido ao seu agir reativo, pois, afirma-se não pelo trânsito pelas diferenças, mas pela intolerância a elas. Sua demonstração de força, sobretudo pela intimidação não passa de fraqueza. O mestre, por sua vez, não deve ser entendido como o aristocrata, e sim como o arquétipo do herói, ou como um velho sábio, aquele que aceita a sua designação, como diz Jung (1988), diz um *sim* à voz do íntimo, e está desamparado do consenso geral da ordem normativa de rebanho. Essa só quer um líder para seguir e para usá-lo como pretexto para a opressão dos demais.

Para Deleuze, não é fácil explicar como as forças reativas levam a melhor. É que o reativo não triunfa por “adição das suas forças, mas por subtração da força do outro (DELEUZE, 2006, p. 26). Eles triunfam, não pela composição do seu poder, mas pelo poder do seu contágio. Acarretam um devir-reativo de todas as forças. É isso a “degenerescência” (DELEUZE, 2006, p. 26). Por degenerescência, Deleuze quer apontar a ação corrosiva do reativo.

O reativo precisa desqualificar, fazer dobrar, calar o que é ativo, precisa admirar no modo de invejar, e por isso, querer suplantar, anular e descredenciar a força do outro.

Ao confrontar-se com outra potência, em que, por algum motivo, se veja em desvantagem, diante de alguma limitação a sua expressão e fluidez, uma vontade de poder pode arrefecer, perder o apetite, abalar a sua confiança, abandonar o campo do embate, desistir de si mesma, sabotar-se: é o niilismo como desejo do *nada*.

Por outro lado, uma força diante de outra pode reativamente querer negar a medida (o limite) apresentado pela outra vontade de poder de tal forma a acabar não só com a adversidade, mas, também com todo o adversário, encarando-o como inimigo, ou seja, como alvo.

Passeio entre Nietzsche e Sartre

Permitimo-nos estabelecer uma ponte entre Nietzsche e Sartre. Nesse sentido, podemos identificar o niilismo em algumas atitudes que apresentamos perante o outro.

Um modo relacional que pode deixar à mostra ranhuras do niilismo é o *sadismo*. O sadismo quer utilizar o outro como instrumento. Instrumento de gozo próprio através da dor, da humilhação, da crueldade, da submissão infligidas a alguém. O sadismo empenha-se em encarnar o outro pela violência. O sadismo obtém o seu prêmio na sujeição da liberdade do outro, rebaixa-o a objeto quase como um brinquedo, ou o põe sob essa condição através de seus brinquedos; promove uma assimetria na qual o poder é

exercido de cima para baixo. O corpo alheio deve ser despido de seus atos e revelar uma inércia da carne. Para Sartre, “o sadismo é paixão, segura e obstinação” (SARTRE, 2006, p. 439); detesta a reciprocidade. O sadismo rompe a reciprocidade da encarnação, mas, é fracasso do desejo: “Mas esta atitude, [...] contém em si o seu próprio fracasso, na medida em que a apropriação da liberdade *transcendente* do outro-vítima está sempre fora do alcance do sádico” (REIMÃO, 2005, p. 248-49).” “E, quanto mais o sádico se obstina em tratar o Outro como instrumento, mais esta liberdade lhe escapa” (SARTRE, 2006, p. 445).

O sádico descobre a medida do seu fracasso quando a vítima *olha* para ele. Nesse instante, o torturador encara um insuspeito desamparo: a absoluta alienação de seu ser que escoar em direção à liberdade do outro: “Descobre então que, definitivamente, não pode agir sobre a liberdade do Outro, ainda que o obrigando a se humilhar-se e pedir perdão” (SARTRE, 2006, p. 446), e mesmo a confessar. Porque, primeiro, seja lá o que obtenha do outro mediante coação, assédio, tortura explícita, pressão, não poderá se apossar da consciência alheia. Segundo, porque se dá conta de que é precisamente na e pela liberdade do outro que, em última análise, se justifica a sua própria excrescência.

Sartre tece consideração sobre o ódio. Admitimos que o ódio pode ser interpretado como um reverso do desejo enquanto Eros, mas, há que levar em conta que o ódio pode revelar o niilismo numa de suas faces mais evidentes. Sartre interpreta o ódio como um abandono de qualquer perspectiva relacional. Trata-se, a nosso ver, de um desejo de nada que se tenta injetar nas relações, para asfixiá-las por completo, quando se desiste até de utilizar o outro como instrumento. Na esfera do ódio, a consciência (ou o para-si) “quer simplesmente reencontrar uma liberdade sem limites de fato; isto é, desembaraçar-se do seu inapreensível ser-objeto-para-outro e abolir sua dimensão de alienação. Isso equivale a projetar realizar um mundo onde o outro não exista (SARTRE, 2006, p. 451). Em curtas palavras, aquilo que odeio no outro não é tal fisionomia, tal defeito, tal ação particular. É a sua própria existência.

O ódio embaralha-se com a ira para sacramentar a pretensão de destruir e suprimir toda a possibilidade de transcendência alheia, ou seja, da liberdade que impregna o outro “O ódio é ira de todos os outros em um só outro. [...] O outro que eu odeio representa, na verdade, *os* outros” (SARTRE, 2006, p. 452).

Outra face do niilismo pode estar estampada na *indiferença* para com o outro. Traduz uma conduta de má-fé, já que nego a condição originária relacional, chamada por

Sartre de *ser-para-outro*. O outro é considerado como não mais do que uma coisa entre coisas. Sartre compara a indiferença à uma cegueira: “Trata-se, pois, de uma *cegueira* diante (*vis-à-vis*) dos outros” (SARTRE, 2006, p. 420). O outro não me toca, nada me diz, em nada me afeta. Sartre estima que nessa atitude o outro não passa de um coeficiente de adversidade. “Ajo como se estivesse sozinho no mundo; toco de leve “as pessoas” como toco de leve as paredes; evito-as como evito os obstáculos; sua liberdade-objeto não é mais do que seu “coeficiente de adversidade”; sequer imagino que possam me *olhar*” (SARTRE, 2006, p. 421).

Em termos reativos mais para o lado de uma hermenêutica inspirada em Nietzsche, podemos escutar alguém considerar: “antes o outro fosse ainda um coeficiente de adversidade!” Assim teríamos alguma fricção entre forças, algum confronto. A indiferença quer dar as costas à alteridade, esconde-se da faísca inerente à fricção entre potências, age como se estivesse sozinha no mundo, como se pudesse deter o mundo só para si, age como se o mundo pudesse ser apenas o *seu* mundo.

A indiferença é uma modal da fascinação neoliberal pela autonomia. A atual pandemia nos provoca, ela sublinha, sem vergonha, um valor caro ao sujeito moderno. Antes da emergência da atual pandemia, quando seduzidos por uma adesão irrefletida a um modelo tecno-liberal regulado imperativamente pelo mercado, “Éramos propensos a acreditar que nos bastávamos. Na incessante busca individual pela realização de nossos objetivos, fomos cegados a respeito de que o outro nos é vital” (BORGES, REICH, e XAVIER, 2020, p. 10).

Sobre negação, negacionismo e angústia

O negacionismo é uma palavra que já vinha circulando na cultura em tempos recentes, quando nos surpreendemos com a negação da ciência em teses delirantes como o terraplanismo, quando ficamos estupefatos com o desdém de muitos para com a pandemia da COVID-19, apoiando-se em teorias conspiratórias, redes sociais produtoras e reprodutoras de notícias falsas, gurus das redes sociais. Podemos identificar o negacionismo em períodos históricos mais recuados, como no comportamento de parte considerável do povo alemão durante a vigência do nazismo no século XX.

O sufixo *-ismo* do negacionismo pode indicar uma persistência em negar qualquer perspectiva que não passe pelo crivo de certas crenças acalentadas. Elas concernem atualmente a uma visão de mundo calçada especialmente na nostalgia de valores supostamente superiores, tais como a primazia da certas interpretações da tradição

judaico-cristã sobre todas as outras, um conservadorismo nos costumes que não aceita a diversidade de gênero, a rejeição à multiplicidade de formas de expressão da sexualidade, a recusa à interlocução com a ciência (que chega às raias da retomada irrefletida de cosmologia arcaica), a adoção de uma antropologia etnocêntrica apoiada na valorização do modelo branco-europeu-civilizado, a sujeição não só da ciência, como da filosofia à teologia, assim por diante. Em suma, essa modalidade de negação se afirma como um perseverar obstinado que deseja se impor com o estatuto de verdade dogmática. Para isso, pode lançar mão, sem culpa, de notícias distorcidas ou mesmo acusações falsas sobre quem pensa diferente, ou narrativas que se tenta repetir até que elas adquiram credibilidade incontestada.

Esse é o aspecto socio-histórico-cultural do negacionismo. Arriscando pensar o negacionismo de uma forma mais ampla, podemos admiti-lo, como o próprio nome sugere, como uma forma de negação. Mas, não uma negação que se permite contestar a si própria, que debate, que pensa, que interroga abertamente, que ressignifica, que busca a interlocução com outras perspectivas, que desconstrói por um apelo criativo. Trata-se, no negacionismo, de uma espécie de negação sistemática, repetitiva, engessada em torno de valores ligados à crenças reativas, como acabamos de elencar acima.

Acreditamos que o negacionismo é um niilismo reativo, na medida em que precisa negar qualquer interlocução com o que se diferente da orientação de valores que adota. No plano político-social, sem dificuldade, percebemos que a ideologia negacionista tenta se convencer de que precisa arrumar um agente para culpabilizar, um alibi para se vitimizar, criar um Paraíso para se salvar, onde só entram os eleitos, e onde se vislumbra um Deus para carimbar as intenções e práticas adotadas. Assim se assevera a posse da moral e a convicção de estar do lado certo da história.

Cena de rua. há algum tempo, já em plena pandemia, passamos, numa rua por dois homens proseando sem máscara. O assunto era a pandemia. Sobre o risco de pegar a COVID-19, disse um deles, em tom bem animado e com ênfase. “Se o vírus vier, é bate e volta!”, fazendo um gesto com o braço como se o vírus batesse no braço e ricochetesasse. Como se o agente patológico fosse uma bola, bola de um jogo, como se tudo não passasse de um jogo. Diante do luto e do trágico, que assalta o nosso cotidiano por todos os lados, apela-se para o lúdico alienado, como se fosse possível negar, degradar o cenário sanitário e social com truques da imaginação, como se fosse possível mitigar a angústia, seduzir a

morte, para que não se torne tão mortal, tão brutal quando ela anuncia o trágico, sem máscaras.

Trata-se de uma forma desesperada de mitigar, senão de aniquilar a finitude, matar, pela fantasia, quem nos mata e adoce. Dessa forma, o que se consegue nada mais é do que ampliar ainda mais o mal-estar.

Não nos livramos da angústia do ser finito que somos como se ela fosse apenas um sonho a que não damos importância, ou um pesadelo, algo que dá e passa, que bate e volta. Estamos lançados nela, quer queiramos ou não.

A negação é a máscara retirada do rosto e posta, como um poderoso véu, no mundo; uma forma de escapar de uma verdade desconfortável, dolorosa ou mesmo insuportável. Ela é o índice oculto do desespero desencadeado pela constatação da extrema precariedade que a humanidade pode ser lançada subitamente (JORGE, MELLO e NUNES, 2020, p. 588-589)

A fragilidade e a precariedade do nosso existir o negacionismo parece rejeitar. E quanto mais nega, mais afirma o mal-estar instituído. Não há ser humano, enquanto ser relacional e desejante que possa se ausentar da angústia. Mas, podemos, até certo ponto, não sem esforço, aceitar a falta e a vulnerabilidade no projeto de ser de cada um, o jogo intrincado da vida com a morte, a cumplicidade entre hostilidade e amor. Podemos, enfim, lidar com a angústia sem a pretensão de curar o que não tem cura, pois, está na gênese e fundamento da própria existência. Quiçá, apendamos alguma coisa com ela ao longo da nossa vida.

O negacionismo nada tem a elaborar ou aprender, por que age como se nada tivesse a ver com o que ocorre à sua volta, quer se impor à cadência do mundo. Ele é a sua própria negação, posto que se encontra sujeito à finitude, sem o saber.

No plano sócio-político, o negacionismo toca uma toada com o lema “o inferno são os outros” (SARTRE, 2005). Sob essa orientação, o negacionismo refugia-se em muitas trincheiras: no autoritarismo, no sectarismo, no antropocentrismo, no conservadorismo dos costumes, no economicismo autocentrado do mercado, na disputa sofisticada de narrativas, na ideia de progresso atada à de natureza como objeto e manancial de riquezas para o homem. Para a cartilha do negacionismo, a diversidade, a diferença e a alteridade ameaçam, o outro ameaça. O outro não só ameaça, como é o inferno, é o mal.

O Mal é projeção [...]. Se você quiser conhecer um homem honesto, procure que vícios ele mais odeia nos outros: você encontrará as linhas de força das suas vertigens e dos seus terrores, você respirará o odor que empestieia a sua alma. [...] Consequentemente, o mau é o Outro. Fugaz, hábil, marginal, o Mal só pode ser visto num relance de olhos e em outrem (SARTRE, 2002, p. 40 e 41).

Do ponto de vista de uma política negacionista, o outro deve ser extirpado. Onde omissão, negação, senão apoio escancarado a holocaustos, massacres de etnias, tentativas de apagamento de culturas, caça as religiões que não constem da programática negacionista, regulamentação panóptica (de vigilância) escolar, controle da informação, aparelhamento institucional em larga escala.

O negacionismo, ao recusar as orientações rigorosas da ciência, produz e amplifica a doença e a morte. É o arauto da morte e um dos cavaleiros do trágico. Pode-se contestar a ciência, não só se pode, como se deve discutir a ciência. Mas, urge a distinção entre discutir, contestar através da sujeição à provas experimentais rigorosas, sistemáticas, exaustivas, assim como a debates a partir de argumentações sólidas e o puro e simples negacionismo. O negacionismo não discute, a não ser por argumentos silogístico frouxos, defensivos e manipulação de dados. O negacionismo deseja a polarização, mas, não o contraditório.

Palavras finais

A pandemia não traz apenas um problema novo, um novo desafio para a ciência, para a sociedade. Ela escancara problemas já existentes na cultura, ela nos desperta para a angústia, nos desperta do sono da inocência, como diria Kierkegaard (2010). O niilismo, o negacionismo já se fazem presentes, desde muito tempo. Talvez devêssemos pensá-los como estruturas que vão assumindo feições, detalhamentos e desmembramentos históricos.

Em meio ao caos reinante atual podemos encontrar discussões interessantes. Um debate que coloque na roda a proposição da liberdade do sujeito confrontada com a perspectiva de um agir que valorize a *comunidade*, ou seja, o âmbito coletivo (mas de pronto é preciso lembrar que a comunidade é formada por *pessoas*). Vale perguntar: a saúde como um *bem* pertence só a um ou a alguns (por exemplo, quem defende que tomar ou não vacina, manter ou não isolamento social deve ser um direito incondicionalmente individual) ou a saúde concerne à comunidade? Em curtos termos, saúde é apenas individual ou é também saúde *coletiva*?

Não só a saúde, como a educação está chamada a uma atualização dessa discussão. É lícito o desejo de alguns de educar a criança em casa, sob a tutela exclusiva da família, apartada do espaço da escola? Provavelmente, esse já fosse um desejo de alguns, acalentado em pequenos grupos, que tem agora um curso mais livre para se manifestar na sociedade. Ou a própria definição de *escola*, de educar, em última análise, requer, *por*

princípio, o entrelace não só pedagógico como ético, e, ao mesmo tempo, estruturante psicológico, da trama de relações, do apelo à diversidade, da abertura para o mundo?

A modernidade conquistou a reivindicação da liberdade como autonomia do sujeito. Não estamos negando a possibilidade de se articular uma liberdade responsável no mundo, como pontua enfaticamente Sartre, desfazendo o equívoco de ligar liberdade ao simples arbítrio. No entanto, precisamos, ainda, problematizar o sujeito, ou melhor, problematizar um projeto cultural de um sujeito autossuficiente, que deseja se relacionar cada vez mais com coisas, ou com as pessoas reduzidas ao instrumental, instantâneo, descartável, cancelável. Constatamos que perdemos o senhorio de nossa casa ao lermos Nietzsche, Kierkegaard, Marx, Freud, Foucault, Levinas. Na verdade, apesar de Sartre se preocupar com uma moral da responsabilidade e da liberdade, jamais acreditou que por isso somos os donos da nossa própria casa (haja vista a facticidade da existência). Ao invés de cada um se ocupar com o próprio nariz (ou umbigo), talvez fosse mister que o sujeito se ocupe com o cuidado com a casa comum.

Precisamos refazer o caminho de volta à casa. Não mais com a arrogância da modernidade, nem com o reativo negacionista. Trata-se daquela casa sonhada por Bachelard (1961), o abrigo fundamental, fundante do ser. Por isso, precisamos pensar com toda seriedade como temos habitado a nossa própria casa.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *La poétique de l'espace*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.
- BORGES, Maria de Lourdes; REICH, Evânia; XAVIER, Raquel Cipriani (Orgs.). *Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfiponline, 2020.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Trad. de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1990.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche par Gilles Deleuze*. Paris : Presses Universitaire de France, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. rev. de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 6.ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho; MELLO, Denise Maurano e NUNES, Macla Ribeiro. Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimiento - e luto: afetos do sujeito da pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 2020, v. 23, n. 3 [Acessado 25 Julho 2021] , pp. 583-596. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p583.9>>. Epub 30 Out 2020. ISSN 1984-0381.
- JUNG, Carl Gustav. *O Desenvolvimento da personalidade*. Trad. do Frei Valdemar do Amaral, OFM. 4. ed., Petrópolis: Vozes, 1988 (Obras completas, vol. XVII).
- KIERKEGAARD, Soren. *O conceito de angústia*. Trad. de Alvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Trad. de Giasone Rebuá. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979).
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. De Mario da Silva. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrhand Brasil, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da Moral. Um escrito polêmico*. Trad. de Paulo Cesar [sic] Souza. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *A vontade de poder*. Trad. Marcos Sinésio P. Fernandes e Francisco José D. de Moraes. Apresentação de Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- REIMÃO, Cassiano. *Consciência, dialética e ética em J.-P. Sartre*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Trad. de Paulo Perdigão. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. *Saint Genet. Ator e Mártir*. Trad. de Lucy Magalhães. Petrópolis : Vozes, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. *Entre quatro paredes*. Trad. de Alcione Araújo e Pedro Hussak. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. *L'être et le néant. Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 2006.

VERÍSSIMO, Luiz José. *Assim falaram Nietzsche e Jung*. Curitiba: Juruá, 2018

